

# Lorde, de João Gilberto Noll: imaginário e identidade

Milene Gayer Goulart\*

## Resumo

Este artigo consiste em uma análise do romance **Lorde** (2014), do autor João Gilberto Noll, fundamentada nas teorias do Imaginário, propostas por Gilbert Durand (2012), Chevalier e Gueerbrant (1991), e nas considerações de Stuart Hall (2006) e Tadeu Tomaz da Silva (2000) acerca da construção da identidade. A literatura de Noll apresenta, como um de seus temas centrais, os conflitos na construção identitária do sujeito, abordando as relações dos protagonistas com o espaço, com o outro e com o próprio corpo. Na narrativa **Lorde**, o protagonista, um autor brasileiro inominado, é convidado a passar uma temporada na cidade de Londres, o que desencadeia uma série de questões identitárias. Diante da condição de estrangeiro e dos conflitos com a idade e com o corpo, em um processo de alteridade, o protagonista tem sua identidade reinventada, mesclada a de outras personagens, além de vivenciar situações que, de modo simbólico, fazem menção à ideia de renascimento.

Palavras-chave: João Gilberto Noll; Lorde; identidade; imaginário; alteridade.

## Lorde, By João Gilberto Noll: Imaginary And Identity

### Abstract

This article consists of an analysis of the novel **Lorde** (2014), by the author João Gilberto Noll, based on the theories of the imaginary, proposed by Gilbert Durand (2012), Chevalier and Gueerbrant (1991), and on the considerations of Stuart Hall (2006) and Tadeu Tomaz da Silva (2000) about the construction of identity. Noll's literature presents, as one of its central themes, the conflicts in the identity construction of the subject, approaching the protagonists' relationships with space, with others and with their own body. In **Lorde**, the protagonist, an unnamed Brazilian author, is invited to spend a season in the city of London, which triggers a series of identity issues. Faced with the condition of being a foreigner, conflicts with age and body, in a process of alterity, the protagonist has his identity reinvented, mixed with characters', in addition to experiencing situations which, symbolically, mention the idea of rebirth..

Palavras clave: João Gilberto Noll; Lorde; Identity; Imaginary; Alterity.

Recebido em: 17/01/2022 // Aceito em: 26/05/2022.

A solidão e os conflitos pessoais são temas centrais na literatura do autor João Gilberto Noll. Muitos de seus romances abordam as experiências de protagonistas errantes, sujeitos anônimos e em crise identitária. Nesse sentido, o romance **Lorde** (2014), de João Gilberto Noll, retrata essa temática a partir da relação da personagem com o espaço, com o sentir-se estrangeiro e com o outro. Com isso, a narrativa aborda questões relativas à alteridade, à construção de um “eu” a partir do outro e às influências do espaço na identidade do sujeito.

Uma outra abordagem possível da obra de João Gilberto Noll é a análise das manifestações de ordem simbólica nas suas narrativas. Percebe-se que, em suas obras, por meio de imagens e símbolos, são expressos os dilemas dos protagonistas, o que possibilita uma interpretação das narrativas pelo viés das teorias do Imaginário. No artigo “Lorde: João Gilberto Noll: reflexos de uma identidade” (2019), de Cibele Hechel Colares da Costa e Mairim Linck Piva, o romance é analisado a partir da ótica do Imaginário, investigando o valor simbólico do espelho vinculado à identidade, além de propor uma aproximação entre a narrativa e o mito de Narciso. Já no artigo “Trânsitos entre modernidade e arte romanesca: uma análise de Lorde, de João Gilberto Noll” (2009), Cimara Valim de Melo analisa a narrativa **Lorde** a partir das relações entre o gênero romanesco e a modernidade, explorando a condição do sujeito como estrangeiro e as imagens simbólicas que ratificam os conflitos do sujeito inserido no mundo moderno. Desse modo, essas leituras corroboram a possibilidade de análise da obra de João Gilberto Noll a partir da ótica do Imaginário e contribuem para as pesquisas acerca da obra de Noll, sobretudo quando vinculadas à modernidade.

Os estudos no campo do Imaginário possibilitam compreender o modo como, por meio da imagem, por vezes estabelecendo relação com fatores externos, de ordem histórico-cultural, são expressos os temores e os desejos do sujeito, assim como as manifestações do seu inconsciente. Gilbert Durand, com as contribuições de diferentes áreas do conhecimento, constrói uma teoria do Imaginário que considera o trajeto antropológico, investigando as relações entre o inconsciente, a subjetividade do sujeito e as influências objetivas do meio social. Por meio dessa relação, considerando a simbolização um processo inerente ao ser humano, compreende-se a ideia de símbolo como uma imagem capaz de representar um significado implícito e difícil de ser percebido. Ao vincular aspectos de ordem social e psicológica, as imagens e símbolos revelam conflitos universais que atravessam a vivência humana. Desse modo, ainda que esses conflitos, quando expressos no texto literário, se relacionem à condição da personagem, refletem possíveis perturbações universais que configuram toda a condição humana.

No romance **Lorde**, ao empreender uma busca identitária, a personagem modifica sua aparência, desenvolvendo uma relação ambivalente com símbolos como o espelho e construindo uma metáfora relativa ao renascimento. Conforme Durand (1989), uma das principais características do símbolo é a sua redundância, a cada repetição o símbolo ultrapassa a sua inadequação fundamental entre significado e significante, tornando possível interpretá-lo como uma representação dos desejos e inquietações humanas. No caso de **Lorde**, a imagem do espelho, assim como imagens e eventos que se relacionam à ideia de renascimento, é constante na narrativa, atribuindo um sentido simbólico à obra por meio da presença dessas imagens. Desse modo, objetiva-se propor uma leitura de **Lorde** abordando as relações estabelecidas entre o protagonista, o espaço e a presença do outro, além de investigar o modo como a temática da identidade é construída e aprofundada pela aparição de símbolos na narrativa. Assim, as interpretações propostas para os eventos e figuras simbólicas presentes no romance serão fundamentadas nas teorias do Imaginário desenvolvidas por Gilbert Durand (2012) e Chevalier e Gheerbrant (1991); já as considerações referentes ao conceito de identidade que contribuirão para a análise da construção identitária do protagonista serão embasadas nos estudos de Stuart Hall (2006) e Tomaz Tadeu da Silva (2000).

O enredo de **Lorde** narra a trajetória de um escritor brasileiro que, convidado por uma instituição inglesa, passa a morar na cidade de Londres. O deslocamento geográfico contribui para a construção do enredo, em que, ao habitar um espaço estrangeiro, a personagem busca a reinvenção da própria identidade. A narrativa se inicia em um espaço impessoal: o protagonista encontra-se em um aeroporto, desembarcando em Londres. A partir desse episódio inicial, poucas são as referências feitas à vida da personagem no Brasil, além de sua carreira de escritor. Desprovido de um passado bem delimitado e distante do seu espaço de origem, o protagonista apresenta uma identidade pouco determinada, lacunar. Conforme se habitua ao país, a personagem passa a recusar suas origens e assume novos comportamentos, conforme é influenciada pela presença e cultura do outro. Dessa forma, a trama do romance é construída principalmente a partir dos desdobramentos da indeterminação da identidade do protagonista – elemento encontrado também em outras narrativas de Noll.

Sendo **Lorde** um romance com narrador autodiegético, a indeterminação da identidade da personagem principal é evidenciada por seu próprio discurso. A narrativa em primeira pessoa, uma vez que traz a perspectiva parcial de quem narra, pode apresentar ambiguidades, além de revelar, de modo mais direto, as particularidades do narrador-personagem, seus pensamentos e angústias. Em **Lorde**, por meio dos fluxos de consciência que integram a narrativa, percebe-se o protagonista como um homem com comportamento inquieto e inseguro que, por vezes, se deixa levar pela fabulação enquanto busca prever os desdobramentos de suas ações. No início do romance esse aspecto é evidenciado pela insegurança da personagem, que, temendo que seu anfitrião não o encontre no aeroporto em Londres, planeja uma resolução:

Era preciso repetir para que nada me escapasse, nenhum ato, nenhum capítulo, para depois, se eu precisasse depor diante de uma autoridade caso esse inglês que agora parecia até meu benfeitor me faltasse de repente, sim, sumisse, embora ele dissesse que me levaria até seu local de trabalho... Iria abrir sua vida assim para um estranho? (NOLL, 2014, p. 15).

O comportamento por vezes inseguro e fantasioso do narrador-personagem contribui para a falta de confiabilidade da sua narrativa, o que é notável também em outras passagens do romance. Nesse sentido, a relação estabelecida entre a personagem principal e o anfitrião que o recebe em Londres parece imprecisa, demarcada pelo olhar hesitante e descrente do narrador. O anfitrião, um inglês que supostamente representa a instituição que emprega o protagonista, apresenta-se como uma figura enigmática na diegese, visto que as informações fornecidas pelo narrador autodiegético sobre a personagem são escassas. De mesmo modo, poucas são as informações concedidas acerca das funções do protagonista de escritor convidado por uma instituição estrangeira, uma vez que o assunto parece uma incógnita para ele próprio. Além disso, a ausência do nome da personagem principal, sua tendência ao esquecimento de suas memórias e a mudança de país são fatores que também contribuem para os conflitos identitários, pois são elementos que estão diretamente relacionados à constituição do sujeito.

Dentre as teorias contemporâneas que discutem a constituição da identidade, há uma convergência de ideias que compreendem que as identidades são múltiplas, instáveis e inacabadas, sendo construídas e transformadas a partir das relações do sujeito consigo, com o outro e com o mundo. Stuart Hall afirma que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o seu ‘eu real’, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem [...]” (HALL, 2006, p. 11). Assim, as relações estabelecidas entre o sujeito, o meio cultural em que está inserido e os grupos sociais com os quais se relaciona ou a que pertence são elementos fundamentais na construção identitária do indivíduo. Nesse sentido, visto

que a identidade pode ser considerada um processo em constante construção e mutação, é evidente que, em **Lorde**, ao habitar um novo espaço e ter contato com uma nova cultura, o protagonista experienciará transformações em sua identidade.

Uma vez que a constituição do sujeito se inicia a partir das relações que este estabelece, distinguindo os grupos aos quais pertence e as identidades que representa, percebe-se a importância da construção de uma narrativa própria para o reconhecimento de um “eu”, ou seja, a construção de um agrupado de memórias que possibilitam que o sujeito tome consciência de si no mundo. Por conta disso, memória e identidade são conceitos intrínsecos. Entretanto, no início da narrativa, é perceptível o distanciamento da personagem de seu local de origem e das identidades que desempenhava em suas relações sociais no Brasil, o que evidencia sua indeterminação e seu conflito de identidade:

Então eu vim. Parece fácil dizer “então eu vim” – alguém todo preparado para atravessar o Atlântico de uma hora para outra, sem ter nada o que deixar que carecesse da sua presença. Mas afirmo que essa é uma das frases mais espinhosas que já pronunciei nesta já não tão curta existência: “Então eu vim”. Poderia dizer que antes eu teria de resolver isso e aquilo. Não, que nada, eu teria apenas de trocar minha solidão de Porto Alegre pela de Londres. (NOLL, 2014, p. 10).

O caráter lacunar, transitório da identidade do protagonista é destacado por meio da indiferença que este direciona aos elementos que o constituem como sujeito. Ademais, o trecho demonstra outro aspecto relevante na construção da personagem: sua solidão. Ao longo do romance, o escritor demonstra dificuldades em se relacionar com outras personagens, apresentando pouco apego em relação ao seu país de origem e às pessoas ao seu redor. Assim, as poucas relações que estabelece ao longo da narrativa são frágeis e instáveis, muitas vezes contribuindo diretamente para a sua compreensão sobre si e para a consequente reinvenção de seu comportamento e aparência.

À medida que a personagem principal se acomoda no novo espaço, suas memórias e seu passado no Brasil passam a ser esquecidos: “Tudo o que eu vivera até ali parecia estar indo embora, parecia só existir aquilo, uma casa desconhecida, que teria de ocupar, uma língua nova, a língua velha que tão cedo assim já me parecia faltar em sua intimidade [...]” (NOLL, 2014, p. 20-21). Assim como as memórias, a língua materna representa um elemento importante na constituição do sujeito, sendo o modo com base no qual ele se relaciona e compreende o mundo. Logo, o afastamento da língua materna aponta para o distanciamento das origens e de parte da identidade da personagem. Com o esquecimento de seu passado e a familiaridade com o novo espaço, a personagem passa a tomar para si a nova cultura como parte da sua história: “Para mim eu fora sempre de Londres, não havia outra cidade, outro país. [...] A minha infância se passara mesmo nessas ruas onde eu agora tremia de frio. A puberdade, juventude, a idade adulta até aqui.” (NOLL, 2014, p. 40). Nota-se que o processo de incorporação de uma nova identidade ocorre a partir da composição de uma nova *persona*, o que consiste na construção de uma narrativa que represente um passado alternativo, além de uma nova aparência. Desse modo, com o propósito de assumir um novo “eu”, o protagonista concebe um passado alternativo com base no novo espaço que ocupa, transforma a sua aparência física e assimila um comportamento baseado nas influências que capta de outros sujeitos.

Em um processo de alteridade, as relações que a personagem estabelece ao longo da narrativa repercutem na sua constituição como indivíduo. O anfitrião inominado, primeira personagem secundária a ser introduzida no romance, apresenta-se como uma figura com presença constante na narrativa, quando comparado a outras personagens que desempenham papéis mais pontuais no enredo. Sendo o primeiro contato que o protagonista tem com o país estrangeiro, o anfitrião assume uma posição importante para o escritor, sendo muitas vezes percebido como uma espécie de exemplo ou reflexo. Em relação a ele, a personagem principal ressalta:

---

Se não o reinventasse dentro de mim e me pusesse a perder a mim próprio, sendo doravante ele em outro, neste mesmo que me acostumara a nomear de eu, mas que se mostrava dissolvido ultimamente, pronto para receber a crua substância desse inglês, ora, sem isso não calcularia como prosseguir. E uma substância que eu saberia moldar, eu sei, eu saberia: em outro e outro, ainda mais. Tinha vindo para Londres para ser vários [...]. (NOLL, 2014, p. 31-32).

No trecho, percebe-se que o protagonista apresenta uma espécie de identidade lacunar, vazia, a qual é preenchida com a incorporação das características do anfitrião. Em consonância com a perda das memórias e com as mudanças físicas, ocorre o processo de esvaziamento do sujeito, em que um “eu”, isto é, a identidade que antecede a viagem, se mostra dissolvida, vaga. Com a afirmação do protagonista de que recebera a “crua substância” do inglês, pode-se inferir que há um processo de incorporação do outro, o qual ocorre também em relação a outras personagens. Ademais, conforme o destaque, percebe-se a compreensão da identidade como algo múltiplo, fragmentado, de modo que a personagem central procura ser vários, construindo diferentes identidades ao longo da narrativa.

No romance, a constituição do sujeito baseia-se também em modificações estéticas. As mudanças na aparência física do protagonista são resultados do desenvolvimento de uma estranha relação com sua própria imagem. Nesse sentido, a imagem se relaciona diretamente com a identidade do sujeito, uma vez que, ao chegar à sua nova casa em Londres, a personagem procura um espelho, buscando autorreconhecimento em sua imagem: “Onde eu estive o dia inteiro? Procurando um espelho, pois preciso constatar que ainda sou o mesmo, que outro não tomou o meu lugar.” (NOLL, 2004, p. 24). De acordo com Durand, “o imaginário não é mais do que esse trajeto no qual a representação do objeto se deixa assimilar e modelar pelos imperativos pulsionais do sujeito [...] e no qual as representações subjetivas se explicam pelas acomodações anteriores do sujeito ao meio objetivo.” (DURAND, 1989, p. 30). Desse modo, a presença de imagens simbólicas na narrativa remete às pulsões do sujeito, em um vínculo entre seus medos e desejos e sua experiência objetiva com o mundo, que resulta em imagens representativas da condição humana. Nesse caso, a aparição frequente dos espelhos na narrativa, assim como de personagens que agem como duplos, reflexos do protagonista, simbolizam os conflitos identitários da personagem principal.

Na perspectiva das teorias do Imaginário, Durand (2012) afirma que o espelho representa o processo de desdobramento das imagens do eu e é símbolo do duplicado da consciência. Desse modo, ao procurar o espelho, a personagem busca acesso tanto à sua aparência quanto à sua consciência e constituição de um “eu”, elemento que está em contínua e conturbada mutação ao longo da narrativa. Quando finalmente consegue ver seu reflexo, o escritor se mostra descontente com sua imagem, constatando que já é um homem velho e que a passagem do tempo se revela em sua expressão. Dessa forma, diante desse incômodo, a personagem compra cosméticos e tingem os cabelos com o intuito de mudar sua aparência e rejuvenescer. Costa e Piva (2019) aproximam o uso da maquiagem feito pelo escritor à imagem da máscara e do palhaço, a máscara diretamente relacionada à performance de uma nova identidade. Conforme as autoras (COSTA; PIVA, 2019), por beirar o grotesco, o uso exacerbado que o protagonista faz da maquiagem remete à imagem do palhaço, desprovida de autoridade, sendo “o contrário da realeza: a paródia encarnada” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 680). Nesse sentido, a figura grotesca do protagonista contrasta com o título do romance e com as identidades que a personagem deseja performar.

Com a nova configuração estética, as dificuldades de autorreconhecimento do protagonista se intensificam e, ao observar seu reflexo após a aplicação da maquiagem, o escritor percebe que, apesar de ter alcançado seu objetivo de rejuvenescer, demonstra certo estranhamento com a própria imagem. Desse modo, diante das transformações da sua imagem, que remetem à inconstância da sua identidade,

o protagonista faz um pacto com o espelho: com o propósito de não assistir às suas transformações identitárias, a personagem central cobre o espelho e passa a evitar o objeto, voltando a mirar seu reflexo apenas no desfecho do romance. Conforme Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, o espelho pode refletir “a verdade, a sinceridade, o conteúdo do coração e da consciência” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 393). Assim, pode-se intuir que, ao observar seu reflexo, a personagem é capaz de perceber as mudanças sofridas pela própria consciência, além de apreender uma verdade incômoda sobre si. Assim, ao selar o pacto e evitar o objeto, o protagonista evita o transtorno de observar sua essência e seu processo de mudança.

O símbolo do espelho se configura como uma figura constante no romance, visto que o protagonista desenvolve diferentes relações com o objeto, primeiro priorizando-o e, em seguida, evitando-o até o momento final da narrativa. Além disso, percebe-se que algumas das personagens, como o anfitrião inglês, atuam como um espelho para o protagonista, possibilitando identificação e, conseqüentemente, influenciando seu comportamento. Nesse sentido, diversas figuras e personagens atuam como espelho para o protagonista, como uma espécie de duplo, expressando o caráter multifacetado e instável da sua identidade. De acordo com Cimara Valim de Melo, em **Lorde**, “os espelhos são tão explorados, a fim de simbolizar o desdobramento desse ‘eu’ em múltiplos que são outros, tão desconhecidos quanto ele é para si. O espelho é símbolo do autoconhecimento, do duplo e do infinito – se projetado de frente a outro espelho.” (MELO, 2009, p. 37). Desse modo, o espelho remete à busca do sujeito pela sua identidade por meio da imagem do outro, em um processo em que o indivíduo percebe um pouco de si a partir do outro, compartilhando, por vezes, o mesmo sentimento de solidão e perda de sentido que seus duplos. Além disso, o espelho sugere um processo contínuo de desconhecimento de si, visto que, quando o indivíduo observa um espelho, percebe sempre um “outro” no reflexo, apenas uma projeção de si (MELO, 2009). Nesse sentido, o próprio objeto remete à busca inviável de uma percepção plena, estável sobre si ou sobre o outro.

Referentemente à relação do protagonista com sua própria imagem, a falta de reconhecimento da própria figura após as mudanças no seu visual se relaciona à indefinição da identidade. Após o uso de maquiagem e a nova coloração dos cabelos, o escritor sente pouca familiaridade com sua imagem e adquire características que aproximam sua aparência física à de outras personagens que habitam o espaço londrino, de modo que ressalta: “Parecia idêntico a tantos homens que andavam pelas ruas de Londres, poderia passar por tantos deles, que nessa minha indefinição já era maior do que eu [...]” (NOLL, 2014, p. 35). Além disso, conforme modifica sua aparência a personagem compara-se à imagem de um *gentleman* ou um dândi, exaltando seu comportamento requintado e educado, o que contrasta com algumas de suas atitudes excessivas e subversivas no transcorrer da narrativa.

Tomaz Tadeu da Silva (2000) aponta a semelhança e a diferença como elementos fundamentais para a compreensão do conceito de identidade, visto que é sempre a partir de uma relação de alteridade que o ser humano constrói suas identidades, com base na distinção de si em relação ao outro. Logo, é a partir desse mapeamento que o indivíduo começa a construir uma consciência de si e compreender as identidades que pode desempenhar em diferentes espaços sociais. Portanto, ao buscar semelhanças com as outras personagens, o protagonista de **Lorde** visa a construção de uma identidade a qual se adéque ao novo espaço. Entretanto, em uma relação ambígua, é justamente por meio das diferenças que o sujeito se constitui, e, desse modo, ao assumir características de outras personagens, o protagonista atinge uma maior indefinição, afastando-se de si.

Ao deparar-se com o outro, remetendo ao símbolo do espelho, a personagem principal confronta a si mesma, estabelecendo uma comparação e percebendo a si como uma extensão do outro. O anfitrião inglês se configura como o primeiro espelho, a primeira influência sobre o escritor. A segunda

influência mais significativa sobre o protagonista é Mark – a primeira personagem nominada que integra a narrativa. Por meio de uma ligação telefônica, o escritor conhece a personagem, professor de Estudos Latino-Americanos e leitor de seus livros em busca de uma entrevista.

Assim como ocorre na relação com o inglês inominado, o contato com Mark faz com que o protagonista alcance uma compreensão individual por meio dos seus contrastes com o outro. Dessa forma, ao conhecer o professor, o protagonista se compara à personagem, percebendo uma semelhança de idades, ainda que compreenda o outro como alguém em condições favoráveis, com uma aparência física superior e uma vida mais estável. Em relação à personalidade, o escritor classifica Mark como um homem vital, enquanto considera a si um homem dado à melancolia. Em seguida, quando observa o professor despido, o protagonista percebe a figura de Mark como uma possibilidade de reflexo seu: “Agora ia tomar banho e eu ficaria olhando [...] verificando que seu corpo ainda estava em forma. Enquanto ele ia se despindo, eu constatava meio em euforia, como se enfim me permitisse um espelho e me visse a mim próprio [...]” (NOLL, 2014, p. 53). Ao observar o outro, a personagem principal percebe em Mark uma possibilidade de reflexo, com uma versão mais agradável de si, uma vez que destaca a aparência de Mark e antes ressalta sua competência profissional e virilidade.

O encontro com Mark desencadeia mais um momento de fragilidade na personagem central. Ao longo da narrativa, percebe-se o escritor como um homem solitário: mais de uma vez ele faz afirmações que evidenciam o modo como se sente deslocado, com dificuldades em socializar ou confiar nos outros. Nesse sentido, o escritor aparenta querer superar essas dificuldades em estabelecer vínculos por meio da atividade sexual, visto que, quando realiza o pacto com o espelho, afirma: “Cego de mim eu me aliviaria com quem não se importasse com a minha cara. Essa a tarefa londrina enquanto eu tivesse o *bus pass* por mais cinco dias e pudesse circular pela cidade à procura.” (NOLL, 2014, p. 49).

A partir da materialidade do corpo, das sensações corpóreas e da sexualidade, a personagem de Noll vivencia sua própria subjetividade, explorando a fluidez de suas identidades, estabelecendo uma relação com o próprio corpo e confrontando sua imagem em oposição e consonância com a do outro. Além disso, desprovido de memórias e de vínculos afetivos, o protagonista em **Lorde** sofre um processo de despersonalização, suas características psicológicas se reduzem ao desenvolvimento de pensamentos inseguros e paranoicos. Dessa forma, a personagem passa a experienciar o mundo em sua materialidade, buscando suprir o esvaziamento do sujeito por meio do aprimoramento da aparência física e da transgressão dos comportamentos sociais que o cercam. Nesse sentido, as sensações corpóreas e o desejo se manifestam como vontade e impulso predominante na vivência do protagonista. Em consonância com isso, é comum, na narrativa, expressões de ordem escatológica que remetem ao estado primitivo do indivíduo e à sua experiência no mundo por meio do corpo. Como exemplo, há este momento de fragilidade e êxtase do protagonista, em que o corpóreo é explorado a partir das sensações e secreções do corpo:

Virava-me para cá e para lá no tapete, nu e com a boca toda suja do vômito. Levantar não conseguia. Um tesão queria despertar, eu sentia, era um fluido que passava por toda a coluna vertebral e quando chegava na parte inferior se acumpliciava com meu pau e o deixava sufocar na posição de bruços em que eu me encontrava no momento. [...] Pronto, eu acabara de gozar, e na hora uma agulha fininha penetrou pelo meu cérebro [...]. (NOLL, 2014, p. 81).

No romance, ainda que manifeste seu desejo sexual constantemente, ao ter sua primeira oportunidade de concretizar uma relação, o protagonista apresenta uma reação inesperada. Ao se deparar com a nudez de Mark, o escritor enfrenta uma crise de choro: “Ah, eu já não sabia dividir a minha nudez com ninguém. Foi o que eu disse. Fui me encolhendo quase até a posição circular. E

depois de anos, tantos (que eu me lembrasse)... chorei, é, não deu outra.” (NOLL, 2014, p. 53-54). O episódio evidencia a atitude melancólica e as dificuldades do escritor em manter qualquer espécie de relação com o outro, mesmo que seu desejo sexual pareça se acentuar no decorrer da narrativa, configurando-se como única manifestação de sua vontade, uma vez que perdura mesmo em estado de convalescença. Após ser afetado por sua solidão no encontro com Mark e, em seguida, testemunhar a morte de um rapaz, a personagem principal encontra conforto ao ser consolado por uma prostituta. Assim, sem intenções sexuais, o protagonista recolhe-se junto à mulher e atinge um estado de cura:

Ela passava a mão pela minha cabeça e não tentava nenhuma outra continuidade. Passava a mão pela minha cabeça e falava numa língua com certeza africana, do Quênia, ela disse quando nos despedimos. Aquelas palavras sem semântica funcionavam para mim como um mantra, e como tal era hipnótico, me levava a um estado de indeterminação: um bulício acetinado sem jamais desabrochar em gesto, ação. [...] Sairia dali curado, pronto para aceitar o que fosse e ir até o fim sem olhar para trás. (NOLL, 2014, p. 61).

De modo geral, a figura da mulher apresenta um sentido antitético: por um lado, remete ao arquétipo da mulher fatal, por outro, ao arquétipo da mãe, símbolo aquático e terrestre que se relaciona ao repouso e à intimidade. Os símbolos aquáticos são capazes de “exorcizar os seus terrores e transformar toda a amargura heraclitiana em embaladora e em repouso [...]” (DURAND, 2012, p. 234). Já a simbologia da terra remete ao recolhimento e estabilidade, representando um local de repouso, quando vinculada ao sepulcro, ou representando uma espécie de nascimento, quando vinculada à fertilidade. Desse modo, a figura feminina na narrativa faz referência ao processo de recolhimento, transformação e cura da personagem.

Além do contato afetivo com a imagem feminina, o mantra em língua africana proferido pela acompanhante toma um sentido importante para a revitalização do protagonista. Com uma semântica indeterminada, as palavras proferidas pela acompanhante atingem o protagonista apenas por seu valor sonoro, funcionando como uma espécie de mantra hipnótico. Conforme as considerações de Durand (2012), o simbolismo da melodia proporciona o regresso às aspirações mais primitivas da psique, sendo também um meio para exorcizar e reabilitar, em um processo de eufemização, a própria substância do tempo. Consideradas as dificuldades identitárias do protagonista, sua constatação da idade avançada, bem como seus conflitos afetivos diante de Mark e a morte recente que presenciou (evento que se relaciona à compreensão da efemeridade da vida), o contato com o ventre feminino e o mantra proferido pela acompanhante o fazem atingir um estado de introspecção que eufemiza as suas angústias.

De modo semelhante à presença da imagem do espelho, são recorrentes, na narrativa, situações que fazem menção à ideia de renascimento. Nesse sentido, o renascimento se vincula às transformações da identidade da personagem principal, representando simbolicamente o nascimento e a morte das identidades que ela assume e os ciclos que inicia e conclui. Pouco tempo após chegar a Londres, o protagonista vivencia uma situação que se relaciona a essa proposição. Acompanhado de seu anfitrião, o escritor é internado em um hospital e se submete a alguns procedimentos médicos. A personagem percebe a situação como uma oportunidade de renovação, afirmando que utilizaria sua internação como um meio para nascer. Assim, o procedimento médico e a enfermidade vinculam-se à ideia de morte e de renascimento.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (1991) consideram a morte um símbolo da evolução, da mudança e da transformação de seres e coisas, sendo um indicativo do que desaparece na evolução inescapável das coisas. Ainda de acordo com os autores, em um sentido esotérico, a morte simboliza a profunda mudança pela qual o homem passa na sua iniciação. Em conformidade com essa ideia, o



homem deve morrer para que possa renascer para a vida superior. Assim, a morte pode ser interpretada não como o fim definitivo de algo, mas como um estado de mutação, uma conclusão necessária para que algo novo possa ressurgir; logo, a morte representa um estado de transformação das coisas e, conseqüentemente, faz menção ao renascimento. No romance **Lorde**, diversos eventos contribuem para a construção de sentidos referentes à ideia de morte e de nascimento, os quais representam as mudanças na identidade do sujeito. Na narrativa, quando a personagem é internada, o ambiente hospitalar, assim como o estado de inconsciência do protagonista ao ser sedado, vincula-se à ideia de morte. Ao perceber que será sedado, o protagonista divaga:

Durante aquele internato o homem a palpitar em mim e que eu ainda não conhecia de fato teria melhores condições de vir à tona. Que quando acordasse do efeito anestésico passaria a conviver com outra hipótese de mim mesmo [...] Eles me internaram por alguma razão. Eu a usaria para nascer. Morri o tempo em que fiquei sedado. (NOLL, 2014, p. 39).

A estadia da personagem no hospital e seu breve estado de inconsciência simbolizam o surgimento de um novo sujeito, a ascensão de uma nova versão da personagem. Após esse evento simbólico, o protagonista, pela primeira vez, afirma que sua infância e adolescência ocorreram nas ruas de Londres, de modo que sua experiência no hospital desencadeia o surgimento de uma nova *persona*, com um passado distinto, assim como a aparência que já se encontrava em transformação.

Quando deixa o hospital, o escritor visita o Museu Britânico, onde, ao observar um quadro com o touro de Ápis, afirma: “Ápis, o deus que é touro. Exatamente o que eu era diante de todos aqueles ingleses que queriam me adoecer. Agora sim eu me via em um espelho de verdade, eles não poderiam comigo.” (NOLL, 2014, p. 41). Na mitologia egípcia, o touro Ápis é adorado como uma divindade. Além de uma aparência particular, o animal só pode viver um determinado número de anos, decorrido esse tempo, caso não morra de causas naturais, o touro é afogado em uma fonte e substituído por seu sucessor. De acordo com José das Candeias Sales (2014), no touro Ápis concorrem três dimensões divinas: uma relacionada à criação (Ptah), uma à vida (Rá) e outra à morte (Osíris). Desse modo, associado a essas figuras, Ápis era um intermediário entre o mundo dos vivos e o dos mortos, simbolizando o renascimento. Na narrativa de Noll, a menção ao touro, além de remeter à sua força, também alude à sua simbologia. Além disso, destaca-se o modo como o deus Ápis era cultuado como uma única entidade divina, a qual era representada por diferentes figuras, que cumpriam seu propósito em um ciclo ininterrupto, marcado pelo afogamento do touro anterior e a descoberta de seu sucessor. A própria organização desses ritos alude à ideia de ressurreição.

Em outro momento da narrativa, novamente a inconsciência e a enfermidade da personagem remetem à ideia de morte e de nascimento, simbolizando um estado transitório da sua identidade. Desprovido de qualquer propósito além de sua sobrevivência no país estrangeiro, o protagonista é guiado apenas por seus impulsos carnis. Após percorrer o espaço londrino, sentindo-se atraído por diferentes homens, o escritor chega à sua casa e alcança um estado de êxtase que se aproxima da inconsciência proporcionada pelos sedativos em sua internação hospitalar. Em seguida, percebendo seu desejo sexual como única manifestação das suas vontades, a personagem afirma:

Eu era um réptil que ainda tinha o poder de amar. Se colocassem um outro corpo deitado no tapete do quarto [...] eu copulava com ele e ainda ia querer mais, Mas se ele me pedisse para beijar-lhe o umbigo, sei lá, seria incapaz desse rele esforço [...] Eu ainda amava, mas era um réptil, senhores: um ser sem estrutura dorsal para conviver com seus iguais, salvo para foder – deitado. (NOLL, 2014, p. 81-82).

A afirmação corrobora as dificuldades sociais e afetivas que o protagonista demonstra ao longo da narrativa, assim como reafirma seu desejo sexual como seu único anseio. Os impulsos e o desejo exacerbado do protagonista o conduzem a um estado transitório, que se manifesta em um episódio de luxúria e êxtase sucedido por um momento de debilidade e convalescença. O estado da personagem, uma combinação de mal-estar e impulso sexual, leva ao gozo e à regurgitação. Este último, na narrativa, relaciona-se a uma santificação, espécie de purgo: “Restos de vômito. Parecia fragmento de medula – fazia tempo que não botava nada pela boca. Eu talvez me sentisse melhor, até santificado, eu diria [...]” (NOLL, 2014, p. 80). Já o gozo aproxima-se da ideia de fecundação e nascimento, o que é corroborado pela afirmação do protagonista de que, por conta do seu êxtase solitário, nasceriam outros dentro dele. A aparição de elementos de ordem escatológica aproxima as ações e expressões da personagem daquilo que é essencialmente humano, visceral, expressando uma leitura do mundo feita a partir dos sentidos, do corpo, sendo esta, para o protagonista, a única forma possível de compreensão e diálogo com o mundo, visto que a personagem se mantém alheia à afetividade e à memória.

O estado de enfermidade do protagonista se prolonga na narrativa, tomando um sentido semelhante ao da internação e dos procedimentos médicos a que se submete ao chegar à Inglaterra. Assim, a mazela da personagem aponta para um momento transitório. A menção à figura do réptil se relaciona a essa proposição, sendo uma imagem vinculada à transformação temporal, visto que o réptil muda de pele de tempos em tempos, ainda que essencialmente sempre permaneça o mesmo (DURAND, 2012). Ademais, a figura do réptil usualmente causa repulsa e expressa certa fragilidade, características que acompanham o protagonista em sua convalescença. Expressando sua nova fragilidade e pequenez, o narrador-personagem afirma que as mãos do inglês o “pegaram como uma pá” (NOLL, 2014, p. 82) e colocaram sob a cama. Depois disso, a personagem recupera-se gradativamente, sob os cuidados de seu anfitrião.

Em processo de transição e afeiçoado pelos cuidados do inglês, o protagonista revela: “Naquela cama eu como que nascia de novo. Que não me perguntassem pelo passado, por outras nacionalidades, por nada mais – eu era apenas o auxiliar daquele homem inglês que aguardava a minha cura na sala.” (NOLL, 2014, p. 84). De forma semelhante a outros discursos do narrador, a afirmação recupera a ideia de renascimento que perpassa o romance. O período de recuperação da personagem pode ser equiparado ao espaço temporal que sucede o nascimento ou que antecede a morte, apontando tanto para o fim do ciclo da vida quanto para o início, visto que sua debilidade e fraqueza o tornam dependente, incapaz de se alimentar ou manter sua higiene, o que é característico da vulnerabilidade que acompanha o início e, por vezes, o fim da vida.

O desejo do protagonista em iniciar novos ciclos e construir novas identidades, assim como sua busca pelo rejuvenescimento, expressam um sentimento de negação da finitude da vida, o que se vincula às funções da imaginação simbólica. Conforme discorre Durand, “a imaginação simbólica é dinamicamente negação vital, negação do nada da morte e do tempo [...]” (1988, p. 99). Desse modo, intrínseca ao ser humano assim como a fabulação, a imaginação simbólica surge para reestabelecer o equilíbrio comprometido por conta da noção de morte, apresentando uma função de eufemização. O protagonista de Noll – sujeito anônimo que busca inutilmente estabelecer vínculos interpessoais, adequar-se ao espaço londrino e atenuar o avanço da idade – sente os temores da inevitabilidade da morte e da passagem do tempo, de modo que a repetição das imagens na obra enfatizam seus conflitos. Em **Lorde**, os símbolos que remetem ao eterno devir se relacionam com os ciclos da vida do protagonista, o que, além de eufemizar a noção de morte e finitude, remetem à jornada sem propósito da personagem de Noll, fadada ao eterno retorno.

Por meio do evento simbólico relacionado à ressurreição, emerge no protagonista um novo anseio, o qual conduzirá os últimos acontecimentos da narrativa: o escritor deseja deixar a cidade de Londres e recomeçar em um novo local da Inglaterra. Os vínculos do protagonista com a cidade de Londres e com o seu ofício de escritor convidado estão relacionados à figura do anfitrião inglês. Além disso, para o protagonista, o inglês se configura como primeira influência e alicerce no país estrangeiro, a figura do *gentleman* que almejava performar. Com a morte dessa personagem, o vínculo do protagonista com a antiga identidade, relacionada a Londres, parece se esvaír. Em um evento dúbio por conta da narração parcial do protagonista, o inglês suicida-se no rio Tâmis. Compactuando com as afirmativas de que faria o possível para não regressar ao Brasil e negando a figura do dândi com a qual antes se equiparara, assim como o título de nobreza irônico que nomeia o romance, o protagonista decide deixar Londres e furta um transeunte, transgredindo a ordem:

Ocasionei-lhe um encontrão; num átimo insinuei meu indicador e polegar por dentro do seu sobretudo, na altura do bolso interno sobre o coração, aí mesmo, e retirei sua carteira metendo-a com uma ligeireza absurda no bolso externo inferior do meu casaco [...] aquele foi um encontrão provocado por alguém como eu que não deveria ser cavalheiro jamais, jamais. (NOLL, 2014, p. 110).

Como é frequente nas narrativas de Noll, não há, no protagonista, expressão de memórias ou vivências que ultrapassem a corporeidade; o sujeito permanece em trânsito, sempre em movimento e em uma busca inatingível. Como consequência, o deslocamento do “eu” e o afastamento em relação ao outro e ao mundo dificultam o estabelecimento de princípios que norteiam o comportamento do indivíduo, de modo que, de acordo com a necessidade, o protagonista adota comportamentos transgressores, infringindo as leis ou se deixando guiar apenas por sua libido. Nesse sentido, a personagem de **Lorde** age em concordância com a observação de Schollhammer, de que as personagens de Noll se encontram “em crise de identidade nacional, social e sexual, mas sempre à deriva e à procura de pequenas e perversas realizações de desejo.” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 32).

A mudança do protagonista para o novo espaço, a cidade de Liverpool, representa a continuidade do seu processo de deslocamento, de incorporação do outro e de renovações identitárias. De certo modo, os eventos que sucedem a mudança para Liverpool apresentam um sentido positivo para o protagonista. Nota-se que grande parte da narrativa transcorre ao longo do inverno, com menções aos dias nublados e à árvore seca que pode ser vista através da janela do escritor. Nesse sentido, as estações do ano acompanham a trajetória da personagem, indicando a passagem dos ciclos. Ao se instalar na cidade de Liverpool, o escritor percebe o início da primavera, estação que traz um sentido positivo de renovação, com a predominância do sol e o desabrochar das flores, em contraste com os dias nublados e a vegetação seca do inverno. A mudança para Liverpool apresenta também um sentido de retorno, uma vez que, na nova cidade, a personagem assume a carreira de professor de língua portuguesa, profissão que já havia desempenhado no passado e que o reaproxima da sua língua materna. Além disso, no que se refere às relações pessoais do protagonista, a aparição da personagem George apresenta um momento de evolução.

Ao conhecer George em um *pub* em Liverpool, o protagonista afirma: “Havia uma solidão nele que poderia acompanhar a minha [...]” (NOLL, 2014, p. 120). A aproximação e a relação sexual partilhada entre as duas personagens apontam para uma evolução por parte do protagonista no que se refere às suas dificuldades em estabelecer vínculos. Ademais, após seu envolvimento com George, próximo ao final da narrativa, o protagonista quebra seu pacto com o espelho e mira seu reflexo. A

partir da imagem refletida e do novo comportamento do protagonista, pode-se inferir que, com a relação sexual, sua identidade se mescla à de George, sendo possível interpretar que os dois passam a ser uma única pessoa, uma vez que o protagonista enxerga a tatuagem de George em seu próprio braço:

A primeira coisa que vi foi o sol rodeado de raios tatuado no meu braço. Abaixei a cabeça para não me surpreender com o resto. Murmurei: Mas era no meu braço esse sol ou no de George? O espelho confirmava, não adiantava adiar as coisas com indagações. Tudo já fora respondido. Eu não era quem eu pensava. Em consequência, George não tinha fugido, estava aqui. Pois é, no espelho apenas um: ele. (NOLL, 2014, p. 123-124).

Com isso, de maneira simbólica, a relação sexual representa o momento em que as identidades das personagens se fundem e o rosto e a tatuagem de George passam a integrar o corpo do protagonista. Por meio da incorporação do outro, o escritor também assume um comportamento mais confiante, aproximando-se de suas origens: “Eu sou professor de português, repeti o leve sotaque gaúcho, com a mesma disposição, a minha, só que em outra superfície, mais incisiva, oleosa, a melena espessa de bárbaro, a dele.” (NOLL, 2014, p. 124). Com a afirmação, o protagonista apresenta um retorno às suas raízes culturais, utilizando sua língua materna com um sotaque regional e valorizando seu novo ofício de professor, o qual já havia desempenhado no Brasil. Há, ainda, em seu discurso a menção à sua nova superfície, aquela que agora se mostra no espelho e que é composta pelas características assimiladas que pertenciam a George.

Evidenciando o início de um novo ciclo para o protagonista, as ações finais de **Lorde** remetem ao eterno devir. Ainda que inicie uma nova fase, o protagonista segue fadado ao deslocamento e à fluidez identitária, sem o alcance de uma resolução. Na última ação da narrativa, a personagem principal se desloca até um cemitério na cidade de Liverpool, deita sobre um túmulo e adornece. Durand (2012) caracteriza a imagem do sepulcro e os ritos de enterramento como símbolos da intimidade e do repouso. Desse modo, o túmulo remete ao isomorfismo do sepulcro-berço, uma eufemização da morte em que a terra, elemento relacionado ao acolhimento, torna-se “berço mágico e benfazejo porque é o lugar do último repouso [...]” (DURAND, 2012, p. 237). Por meio desse isomorfismo, o túmulo simboliza local de segurança e de retorno, servindo como elemento de revitalização e, por remeter à imagem da morte, simboliza também a metamorfose e a renovação. Logo, na narrativa, o espaço do cemitério e o túmulo, de forma metafórica, podem indicar a morte da antiga identidade do protagonista para que a nova identidade, construída ao longo da trama, possa vir à tona. Além disso, estar junto ao sepulcro e à terra, de modo semelhante ao seu repouso no colo da acompanhante, podem indicar, para o protagonista, um estado de recolhimento, segurança e introspecção.

No romance **Lorde**, por meio da aparição da imagem do espelho e de eventos e imagens que remetem à ideia de renascimento, são reafirmadas as questões relativas às transformações identitárias do protagonista e sua relação com a própria imagem e identidade. Dessa forma, ao compor uma narrativa que explora os sentidos simbólicos, Noll discute temáticas universais, de ordem social, como a constituição do sujeito e suas relações com o mundo. Ademais, como é próprio das narrativas do autor, **Lorde** apresenta uma sequência de acontecimentos que não se dirigem propriamente a uma resolução. Em consonância com as metáforas referentes ao renascimento que integram a obra, o protagonista parece fadado ao eterno devir, sujeito às mutações de uma identidade inacabada e fluida.

---

## Referências

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alan. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, figuras, cores, números. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1991.
- COSTA, Cibele Hechel Colares da; PIVA, Mairim Linck. Lorde, João Gilberto Noll: reflexos de uma identidade. In: **Leitura: imaginário, vozes femininas e escritas do eu**. Santo Ângelo: Voix, 2019, p. 162 – 172.
- DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- MELO, Cimara Valim de. Trânsitos entre modernidade e arte romanesca: uma análise de Lorde, de João Gilberto Noll, 17. **Revista Cerrados**, v. 18, n. 27, p. 15-44, 2009. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/13753>. Acesso em: 27 maio. 2022.
- NOLL, João Gilberto. **Lorde**. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.
- SALES, José das Candeias. Em busca do touro Ápis pelos caminhos da mitologia do antigo Egito. **Revista lusófona de ciência das religiões**. Lisboa, n. 18-19, p. 61-81, 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/3349>. Acesso em: 26 ago. 2021.
- SCHØLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tadeu Tomaz da (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. ed. 1. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 2, p. 73-102.